



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA

NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHA *Riqueza e pobreza* Terça-feira, 16 de Junho de 2015 Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 25 de 18 de Junho de 2015 Foi a «teologia da pobreza» o nó central da homilia do Papa Francisco. A reflexão do Pontífice partiu do trecho da segunda carta aos Coríntios (8, 1-9), no qual são Paulo «está a organizar na Igreja de Corinto uma colecta para a Igreja de Jerusalém, que vive momentos difíceis de pobreza». Para evitar que a colecta se verificasse de forma errada, o apóstolo «faz algumas considerações», uma espécie de «teologia da pobreza». Especificações necessárias porque, explicou Francisco, «pobreza» é uma palavra «que causa sempre perplexidade». Com efeito, quantas vezes ouvimos dizer: «Mas este sacerdote fala demasiado sobre a pobreza, este bispo fala de pobreza, este cristão, esta religiosa falam de pobreza... Mas são um pouco comunistas, não é?». E, ao contrário, sublinhou o Papa, «a pobreza está precisamente no centro do Evangelho», a ponto que «se nós tirássemos a pobreza do Evangelho, nada se entenderia da mensagem de Jesus». Eis então explicada a catequese de Paulo «sobre a esmola, a pobreza e as riquezas» que começa com um exemplo tirado da experiência da Igreja da Macedónia. Ali, «na grande prova da tribulação — porque sofriam tanto devido às perseguições — na pobreza extrema, a sua alegria superabundou e superabundaram na riqueza da sua generosidade». Ou seja, «ao dar, ao suportar as tribulações enriqueceram-se, tornaram-se jubilosos. É, acrescentou Francisco, o que se encontra numa das bem-aventuranças: «Bem-aventurados sois vós quando vos insultarem, perseguirem...». Depois de ter citado este exemplo, Paulo dirige-se de novo à Igreja de Corinto: «E dado que vós sois ricos, pensai neles, na Igreja de Jerusalém». Mas, perguntou o Papa, de qual riqueza fala Paulo? A resposta lê-se imediatamente depois: «Sois ricos em todas as coisas: na fé, na palavra, no conhecimento, em todo o zelo e na caridade que vos ensinamos». Segue-se uma exortação: «Assim, dado que sois ricos, abundai também nesta obra de generosidade». Ou seja, fazei com que, explicou Francisco, esta riqueza tão grande — o zelo, a caridade, a palavra de Deus, o conhecimento de Deus — chegue aos bolsos». Porque, acrescentou, «quando a fé não chega aos bolsos, não é uma fé genuína»; e esta é «uma regra de ouro» que deve ser recordada. Do trecho paulino sobressai, portanto, uma «contraposição entre a riqueza e a pobreza. A Igreja de Jerusalém é pobre, está em dificuldade económica, mas é rica, porque tem o tesouro do anúncio evangélico». E foi precisamente «esta Igreja de Jerusalém, pobre», que enriqueceu a Igreja de Corinto «com o anúncio evangélico: deu-lhe a riqueza do Evangelho». Quem era rico economicamente, na realidade, era pobre «sem o anúncio do Evangelho». Há,

disse o Pontífice, «um intercâmbio recíproco» e assim «da pobreza vem a riqueza». É neste ponto, explicou o Papa, que «Paulo com o seu pensamento, chega ao fundamento daquilo a que podemos chamar “teologia da pobreza”, porque a pobreza está no centro do Evangelho». Lê-se na epístola: «De facto, conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo: era rico e fez-se pobre por nós, a fim de que vos torneis ricos por meio da sua pobreza». Portanto, «foi precisamente o Verbo de Deus que se fez carne, o Verbo de Deus nesta condescendência, neste abaixamento, neste empobrecimento, que nos tornou ricos nos dons da salvação, da palavra, da graça». Este «é o centro da teologia da pobreza» que, de resto, se encontra na primeira bem-aventurança: «Bem-aventurados os pobres de espírito». Francisco explicou: «Ser pobre é deixar-se enriquecer pela pobreza de Cristo e não querer ser rico com outras riquezas excepto as de Cristo, é fazer o que Cristo fez». Não é só fazer-se pobre, mas é «dar mais um passo», porque, disse, «o pobre me enriquece». Citando um exemplo concreto do dia-a-dia, o Papa explicou que «quando oferecemos uma ajuda aos pobres, não fazemos de modo cristão obras de beneficência». Estamos diante de um acto «bom», «humano», mas «não é a pobreza cristã que Paulo menciona e prega». Porque pobreza cristã significa «que eu ofereço ao pobre do que é meu e não do que é supérfluo, também do necessário, porque sei que ele me enriquece». E por que me enriquece o pobre? «Porque Jesus disse que ele próprio está no pobre». O mesmo conceito é afirmado por Paulo quando escreve: «Nosso Senhor Jesus Cristo, de rico que era, fez-se pobre por vós, para que vos tornásseis ricos por meio da sua pobreza». Isto acontece «cada vez que me despojo de algo, mas não só do supérfluo, para dar a um pobre, a uma comunidade pobre, a tantas pessoas pobres às quais falta tudo», porque «o pobre me enriquece» enquanto «é Jesus quem age nele». Eis porque, concluiu o Papa, a pobreza «não é uma ideologia». A pobreza «está no centro do Evangelho». Na «teologia da pobreza» encontramos «o mistério de Cristo que se abaixou, se humilhou e se empobreceu para nos enriquecer». Assim, compreende-se «porque a primeira das bem-aventuranças é: “Bem-aventurados os pobres de espírito”». E «ser pobre de espírito — frisou o Pontífice — é ir por este caminho do Senhor», o qual «se abaixou» a ponto de se fazer «pão para nós» no sacrifício eucarístico. Isto é, Jesus «continua a abaixar-se na história da Igreja, no memorial da sua paixão, no memorial da sua humilhação, no memorial do seu abaixamento, no memorial da sua pobreza, e enriquece-nos com este “pão”». Eis a sugestão final para a oração: «Que o Senhor nos faça entender o caminho da pobreza cristã e a atitude que devemos assumir quando ajudamos os pobres».